

Parlamentares usam ioga e lexotan contra tensão

Francisco Stuckert

Responsáveis pelo destino do País, eles vivem sob pressão de terça a quinta-feira. De manhã, correm de uma comissão para outra. À tarde, participam de reuniões e sessões que normalmente invadem a noite. Um simples sim ou não e podem mudar os rumos da economia, da política e da vida do cidadão comum. Uma decisão equivocada e geram uma crise, como a vivida há poucos dias. Para enfrentar essa roda-viva, os parlamentares lançam mão dos mais variados tipos de ajuda. Alguns apelam para os remédios. Outros buscam força do além e da milenar filosofia oriental. Há quem prefira mastigar gelo e quebrar cliques.

Líder do PFL, o senador Marco Maciel não segue as regras do conservadorismo quando a ordem é aliviar a tensão de um dia agitado. Maciel mastigava pedras de gelo nos momentos de nervosismo e negociações difíceis. "Há uns cinco anos eu parei. Era perigoso, podia partir os dentes", confessa o senador, ao admitir o novo hábito: quebrar cliques. "Mas eu já estou me contendo", descontraí. Seu colega de partido, o deputado Gustavo Krause apela para métodos mais ortodoxos após um dia pesado e que o

sono custa a chegar. Krause é adepto do Lexotan para passar - pelo menos - a noite mais tranquilo.

Título — Os petistas Paulo Delgado e João Paulo buscam apoio na filosofia oriental, em especial na ioga, para relaxar. "Eu só reajo a uma agressão dois dias depois. Entre a agressão e a reação faço ioga", conta Delgado, que costuma fazer exercícios para respiração e coluna. Desde a década de 60, o deputado João Paulo pratica ioga, tai chi chuan e meditação pelo método budista. A saudável rotina de João Paulo — que não bebe, não fuma e não come carne vermelha — deu ao deputado o título de "zen da bancada". Ao contrário de ser pejorativa, a definição é um elogio: "Aos 62 anos não tenho hipertensão, problemas cardíacos e não tomo remédios".

Católico praticante, o senador Pedro Simon procura equilíbrio para coordenar as negociações do Governo nas missas da Igreja São Sebastião, no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre. O cachimbo, os gestos teatrais, o terço católico e o masbarat - contas árabes para aliviar a tensão — também integram o ritual do senador, que caminha diariamente nas entrequadras de Brasília

ou no Parque da Redenção e no Parcão do Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Igualmente católico de formação, o comunista Sérgio Arouca, nas situações de tensão, não abre mão de pedir ajuda aos santos.

Arouca acende incenso e vela de sete dias — usada no Candomblé — para atrair energias positivas e proteção. "Acredito que tira o mau-olhado", diz Arouca, ao confirmar sua crença na doutrina materialista e no pensamento científico. Ele admite que a formação católica deixou um fundo mágico nas suas atitudes. Até mesmo diante de um copo de cerveja, Arouca mantém um ritual sagrado: "Antes de beber, eu faço uma saudação com os outros copos e digo axé".

Escudeiro do governador Joaquim Roriz na CPI do Orçamento, o senador Pedro Teixeira não resistiu à série de denúncias envolvendo o correligionário e desenvolveu uma úlcera nervosa. Internado às pressas na UTI do Santa Luzia, o senador teve de se render às recomendações médicas e passou a fazer seis quilômetros de caminhada e 40 minutos de esteira. "Depois de 90 dias de tensão não há quem resista", admite.

Raimundo Paccó



Simon: uso do masbarat e do terço católico



Maciel: "Parei com o gelo, podia quebrar os dentes"